

SÃO SERAFIM DE MONTEGRANARO
no IV Centenário de sua morte
Dom ao VII Conselho Plenário da Ordem

Mensagem

*Aos Frades da Província das Marcas
e de toda a Ordem*

Caros Irmãos,

O nosso compromisso de serviço à Ordem, não obstante a multiplicidade dos acontecimentos que nos envolvem, não nos deixa passar em silêncio a data, tão importante e estimulante, do *quarto Centenário da morte de São Serafim de Montegranaro*, acontecida no convento de Ascoli Piceno, no dia 12 de outubro de 1604.

Nossos santos não nos dão trégua. Não somente os últimos que a Igreja nos têm dado, como Pio de Pietrelcina, Bernardo de Corleone e Inácio de Santhià, mas também os primeiros, os do início da nossa história, entre os quais, Serafim de Montegranaro, canonizado por Clemente XIII, em 1767. Eles nos ajudam a ter esperança e confiança.

Falar de São Serafim de Montegranaro é como escalar seus montes para encontrar refrigério e ar fresco, depois do intenso calor deste verão; e na confusão e multiplicidade de atividades frenéticas que atazanam o espírito dos nossos contemporâneos, é como reencontrar o *unum necessarium* do Evangelho que nos constringe ao essencial; é como mergulhar no carisma da Ordem que brilha, genuíno, no testemunho de santidade desse nosso irmão; é como reencontrar uma história que parece tão distante e que, ao invés, nos pertence e é ainda atual. Esta história merece ser visitada novamente, conservada na memória e meditada com especial atenção e carinho, sobretudo pelos frades da Província das Marcas, onde a Ordem teve grande florescimento no passado: eles estão envolvidos pessoalmente na alegria e na graça deste Centenário, mas querem alegrar também outros confrades espalhados no mundo inteiro.

Como falar de São Serafim? Recorro a uma recente publicação de Frei José Santarelli sobre a *Vida de São Serafim de Montegranaro* (Ancona 2003), bem contextualizada no plano histórico e geográfico e redigida em vista da solene data centenária, a qual me dá ótimo auxílio.

De família humilde, nascido no ano de 1540 em Montegranaro, Félix (este era seu nome de batismo), ainda juvenzinho, trabalhou como pastor e depois como ajudante de pedreiro. Aos 18 anos entrou no noviciado dos capuchinhos em Jesi (Ancona – Itália). Superada uma forte angústia espiritual, renunciando a si mesmo, conseguiu a perfeita

paz do espírito. Por isso era disponível a tudo e nos seus 64 anos de vida foi transferido continuamente de convento em convento na sua Província das Marcas, entre os confins da Romana com os Abruzzos, até sua última morada em Ascoli Piceno, onde permaneceu por longo tempo e encontrou a irmã morte.

Essa contínua itinerância não o angustiava. Era fruto da obediência, da pobreza e humildade, pois, incapaz, por sua simplicidade aos vários ofícios conventuais, embora os desenvolvesse com empenho, sua presença milagrosa atraía a gente, perturbava os conventos e inquietava os frades. Os milagres floresciam tanto que um guardião o mandou parar com tantos prodígios. Frei Serafim, nessa superabundância de graças zombava: “Vai, fique quieto, santinho, pois não fui eu, mas Cristo e a tua fé que te curaram”. E a quem o mortificava, todo alegre dizia: “Ah, santinho, santinho, que te dêem um pão branco. Seja eu digno do purgatório! Eu sou pecador. Não tenho nada: tenho somente o crucifixo e o rosário, mas com estes, espero ajudar os frades e tornar-me santo”.

Nada mais. Esta é a sabedoria de São Serafim. Esta é a sua verdadeira iconografia. Dois aspectos externos, sempre observados, que formam um todo com sua figura simples e quase rude: somente um pequeno crucifixo de latão e o rosário na mão. A sua devoção ao Crucificado e à Virgem transbordava de sabedoria celeste e muitas vezes deixava os doutores e teólogos estupefatos. Mantinha o crucifixo sempre nas mãos e o oferecia para que todos o beijassem. Frei Serafim era um homem todo humilde e humilhado, mas sempre alegre e espiritualmente luminoso.

Perfeito observante da regra da pobreza e totalmente conformado à espiritualidade penitencial, contemplativa e apostólica das Constituições da Ordem, tinha sabido transformar a igreja em sua cela, pois habitualmente, sobretudo à noite, ficava mais lá do que no seu quarto. Era literalmente faminto da Eucaristia e dos sacramentos; tinha sede de oração e de sofrimentos. Apaixonado pelos mistérios de Cristo e de Nossa Senhora, encantava-se em meditá-los e se extasiava. Teria desejado fazer parte da fraternidade de Loreto ou de Roma a fim de poder servir muitas missas todo dia. Disto derivam o seu zelo em colaborar com Cristo na salvação das almas, as suas pequenas e penetrantes exortações espirituais, o seu profícuo apostolado vocacional, a sua veneração aos sacerdotes, a sua compaixão pelos doentes, atribulados e pobres, o seu corajoso empenho na pacificação social e familiar e o seu ardor missionário e desejo do martírio, luminoso ícone do carisma capuchinho.

Caros irmãos, desde quando a Igreja, através do Concílio Vaticano II, nos chamou a renovar a nossa vida consagrada, a reencontrar a moção das origens, a rever nossas Constituições para adaptá-las aos sinais dos tempos, não paramos mais de nos interrogar sobre nossa identidade de frades menores capuchinhos. Nos Conselhos Plenários da Ordem, a partir de 1971, temos meditado sobre vida fraterna, pobreza e minoridade, sobre oração, vida e atividade missionária, sobre formação para a nossa vida segundo a forma do Santo Evangelho, sobre nossa presença profética no mundo, sobre pobreza vivida em fraternidade e agora estamos preparando uma sistemática reflexão sobre a minoridade e a itinerância à luz da teologia da comunhão.

Sem dúvida alguma a Ordem realizou um grande trabalho de autocompreensão e certamente hoje estamos mais conscientes da nossa específica identidade e do nosso carisma na Igreja. No entanto, isto não é suficiente. Por isso, no Capítulo Geral de 1988, o Papa nos recomendou: “Um passo decisivo a ser cumprido deverá ser o de imitar sobretudo São Francisco na sua preocupação em não ficar no plano das palavras, mas de pas-

sar aos fatos. Empenhem-se, seriamente e com realismo, no processo de aplicação prática, em todos os níveis, segundo aqueles critérios de vida e de esperança que vocês já possuem; procurem encarnar, com humildade, com sinceridade, até as últimas consequências, aqueles valores que formam o carisma de vocês” (*Analecta OFM Cap.* 104 [1988] 163).

Nessa urgência de “passar aos fatos” nos vem ao encontro como um ícone, como um espelho muito lúcido, a experiência e a santidade de São Serafim de Montegrano. Um religioso, iletrado que, porém, estudou a sabedoria de Deus no Cristo Crucificado: “Eis o verdadeiro livro para ser estudado e se fazer homilias frutuozas às pessoas”, dizia ele aos pregadores, tirando de sua manga o crucifixo de latão. Ele, com a sabedoria que vem do alto, nos ensina como experimentado mestre, a verdade da nossa vida capuchinha, realizando o sonho de São Francisco de Assis de um Capítulo Geral de todos os religiosos onde os dotados falam com simplicidade e os simples com agudez e doçura sob a inspiração do Espírito Santo (cf. 2C 191).

No espelho da sua vida encontramos a solução magistral da nossa renovação na fraternidade, na pobreza, na oração do coração e no apostolado e podemos identificar as linhas portadoras da minoridade e da itinerância evangélica que a Ordem se prepara para meditar e traduzir no cotidiano no próximo Conselho Plenário.

São Serafim nos convida a repensar as nossas relações mútuas, como fraternidade evangélica, na unidade do carisma e nos interpela e impulsiona a conformar nossa vida às exigências da itinerância. Na sua escola compreendemos que a itinerância exige desapego e pobreza de espírito. Ela nos põe a caminho, criando em nós a consciência ativa de sermos peregrinos e forasteiros neste mundo, de não ter onde pousar a cabeça. Em termos mais concretos, a itinerância nos impulsiona a não construirmos um ninho próprio e deitarmos-nos na comodidade do consumismo e na apatia e indiferença da secularização, e a não nos apropriarmos de nenhuma atividade apostólica como propriedade de exploração privada.

Positivamente a itinerância nos abre à liberdade dos filhos de Deus e dilata os espaços do nosso coração para uma disponibilidade pastoral mais abrangente a fim de lançar-nos à procura dos afastados, dos confusos de coração. Suscita em nós uma ânsia apostólica que nos faz reencontrar a estrada traçada por Aquele que se fez nosso caminho, ao longo da qual se encontram os irmãos com os quais se partilha a obediência da caridade e a poderosa força do amor de Cristo, ao pensar que um morreu por todos. Uma fraternidade itinerante para que o mundo creia.

Caros confrades da Província das Marcas, que vocês reencontrem em São Serafim a força espiritual da fecunda tradição capuchinha. Ele foi um religioso contemplativo, um frade pobre e austero, verdadeiramente menor, um frade do povo a serviço dos irmãos, apaixonado pelo criado. Que este Centenário se torne uma graça e um dom do Espírito a vocês e a toda a Ordem. Deixem-se maravilhar e conquistar pela sua santidade. E com aquele excessivo amor do Crucifixo de São Damião que transformou o coração de São Francisco, também nós queremos acolher a “teologia vivida” de São Serafim de Montegrano, que nos mostra o seu pequeno crucifixo de latão, para que o nosso coração seja transformado por seu olhar cheio de compaixão e aprendamos a abraçar com alegria a conversão à minoridade “como peregrinos e forasteiros neste mundo, servindo o Senhor em pobreza e humildade”. E o seu terço, confeccionado com ramos de funcho e pedaços de abóbora, legando-nos a caridade, neste Ano do Rosário proclamado Pelo papa

João Paulo II, enraizará em nós aquela devoção filial à Virgem, que é doce caminho para entrar no mistério de Cristo e da Igreja.

Com estes votos e implorando a intercessão de São Serafim para o próximo Conselho Plenário, abraço fraternalmente a todos.

*Frei John Corriveau,
Ministro Geral – OFMCap.*

Roma, 21 de setembro de 2003.

(Prot. N. 00725/03)